

Porque funciona a Globalização, por Martin Wolf

Este livro (Dom Quixote, Lisboa, 2008) recebeu uma série de críticas muito favoráveis, sobre um tema que tem o condão de suscitar paixões e opiniões extremas, tanto positivas como negativas. O autor situa-se entre os que considera a globalização não só inevitável mas necessária, e todo o corpo do livro, bastante extenso, destina-se a provar a razão pela qual a globalização tem efeitos positivos que em muito superam os eventuais efeitos negativos. Mas este posicionamento leva-o a não valorizar suficientemente alguns aspectos menos positivos da globalização e a ignorar as vantagens de algumas organizações económicas internacionais na preparação das suas economias para os efeitos, mais e menos benéficos que a abertura às trocas comerciais pode produzir.

E no entanto este é um livro que, pode dizer-se, foi escrito para economistas. Não é que o autor não se esforce por tornar o texto acessível e de fácil compreensão; mas apesar de algum mérito neste aspecto, não consegue iludir a grande prática que tem, enquanto comentador do Financial Times, cujos artigos se destinam a um público conhecedor e interessado.

O que torna o livro algo inconsistente. Na verdade, os argumentos em prol da globalização são expostos cuidadosamente, com rigor, apoiados na investigação económica recente; mas são elaborados como que em contra argumentação com alguém que não acredita nos efeitos benéficos da globalização, o que por vezes torna o texto algo fastidioso. E além disso, sendo uma argumentação assente na teoria económica, provavelmente um não economista não será influenciado por estas linhas de raciocínio. O que faz dele um livro de facto excelente para quem tem preparação económica, e uma visão do mundo favorável à Globalização, mas que certamente terá pouco efeito sobre aqueles que não crêem ser a Globalização algo positivo, e que segundo assim parece, são os verdadeiros destinatários do livro.

Mas para os que têm uma formação que ajude a compreender facilmente a globalização, e que queira aprofundar o tema com um boa exposição da teoria e do conhecimento empírico mais recente, este é um livro indispensável.

É evidente porém que, na ânsia de demonstrar que a globalização é vantajosa para a humanidade em geral, e apesar de o autor ser com frequência bastante prudente e pouco dado a excessos de entusiasmo, nem por isso deixa de aqui ou ali, revelar alguma despreocupação com fenómenos menos positivos que a globalização tem acarretado, desde efeitos negativos sobre o ambiente, ou sobre as massas trabalhadoras menos qualificadas dos países mais prósperos. Não é que não aborde estas questões. Mas trata-as porventura com alguma ligeireza.

O livro está construído de uma forma evolutiva. Os dados importantes e fundamentais vão sendo pouco a pouco introduzidos, a tal ponto que há toda a vantagem em lê-lo pela ordem em que foi escrito. Há neste aspecto uma eficaz apresentação do tema, o que muito valoriza a argumentação aduzida, carregando-a de significado à medida que o texto avança.

Por outro lado, MW tem o cuidado de enunciar os argumentos contrários com precisão e rigor. As posições dos autores mais consagrados, como Joseph Stiglitz ou Dani Rodrik, são indicadas fielmente, para de seguida o autor esclarecer então onde diverge das teses dos seus adversários e as razões para isso. Neste particular é um livro muito útil porque coloca em confronto duas ou mais opiniões, limitando-se o autor a acrescentar a sua. Mas assim, o leitor pode partilhar uma ou outra opinião, e sobretudo reflectir por si próprio a partir da divergência de opiniões.

Noutros casos, sobretudo quando os ataques à globalização provêm de autores pouco qualificados, ou mais

ignorantes, ou ideologicamente mais motivados, aí MW é impiedoso e trata-os de pouco mais que atrasados mentais. Para os herdeiros do marxismo e radicais do ambiente, MW não nutre qualquer forma de consideração. O que evidencia ainda mais a inconsistência de que acima fizemos breve referência. Se não vale a pena argumentar com estes inimigos da globalização, para quê então dedicar tanto texto contra argumentando contra quem não se tem qualquer consideração?

O aspecto em que o autor terá sido menos interessante na defesa da globalização terá sido na indiscriminação de que dá provas constantemente: a globalização, por princípio, é boa para todos os países. Ora infelizmente isso não parece ser verdade.

Por um lado, temos aqueles países, sobretudo africanos, que por uma enorme ausência de infra-estruturas e por falta de níveis básicos de educação da população podem tornar-se de tal modo dependentes da produção e exportação de um ou de uma pequena gama de produtos primários que não logram desenvolver-se economicamente.

Outros países têm a infelicidade de serem dominados por cartéis de droga e outras substâncias perigosas para a saúde humana. A criminalidade organizada e internacional é um fenómeno muito potenciado pela globalização, e alguns Estados simplesmente não têm nem os meios nem a vontade política para se libertarem dessa situação.

MW assenta a sua argumentação nas vantagens do comércio, embebidas na teoria das vantagens comparativas de David Ricardo, o que está correcto. Mas só isto não chega. A facilitação do comércio internacional pode debilitar as frágeis economias de alguns países dotados de poucos recursos. Mesmo países pequenos, mas já com economias mais avançadas podem tornar-se especialmente vulneráveis a uma globalização que afecte largos sectores das suas economias. Colocam-se aqui arbitragens entre curto e longo prazos: no longo prazo, sim, a probabilidade da liberdade de comércio trazer benefícios para o maior número é bastante elevada. Mas no curto prazo o acréscimo de comércio internacional pode produzir consequências devastadoras sobre algumas parcelas da população que são lançadas para o desemprego.

E é para enfrentar os problemas de curto prazo que organizações intermédias, como a União Europeia, podem desempenhar um papel fundamental, porque proporcionam alguns bens colectivos que podem servir de lastro nomeadamente a estabilidade monetária, a sustentabilidade das finanças públicas, ou ainda a liberdade de circulação de pessoas, de bens, capitais e serviços num espaço económico muito mais vasto, mas ainda assim não totalmente aberto ao Mundo. podem portanto funcionar como ensaio, preparação, antecipação, da globalização geral. Que é assim prova-o a atracção que o modelo de integração europeia produz sobre outras regiões. A ASEAN, a União Africana, e o Mercosur têm a União Europeia como exemplo a seguir, o que não pode ser fruto do acaso. Até os EUA tomaram a iniciativa de um mercado mais vasto com o Canadá e o México.

Nada disto foi minimamente abordado neste livro. Para MW, grandes ou pequenos, todos têm a ganhar. Lawrence Summers considera que este livro é um marco definitivo acerca da globalização assente no mercado. Que é um livro importante, útil, bem construído, solidamente argumentado, parece-nos indiscutível. Mas uma obra definitiva sobre um tema tão vasto, variável, evolutivo, é um exagero. Outras obras virão, assim o devemos esperar, que lancem novas luzes e perspectivas sobre um tema que tem uma influência determinante sobre as nossas vidas.

António Calado Lopes